



# Quintais Cerrado



Abundância,  
arte e afeto





Agradecemos a vida em comunidade  
que nutre e possibilita reconhecer  
nossa rede de afetos no Grande Sertão.

A Secretaria de Estado de Cultura e Turismo  
de Minas Gerais, a Rede Mineira de Pontos  
de Cultura, as comunidades tradicionais do  
Grande Sertão.

Em especial, ao grupo de bordadeiras, as  
rezadeiras, dançadeiras, andarinas, mateiras,  
benzedeiras, biscoiteiras e cuidadoras das  
águas e das veredas.

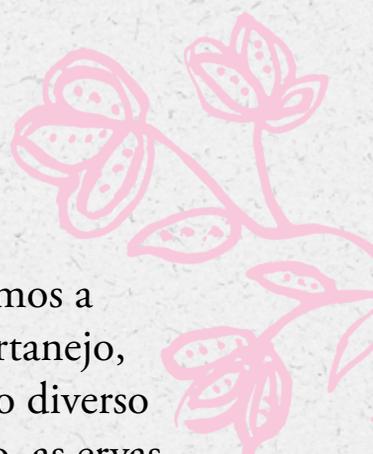
A arte que nos faz lembrar que a fome e a  
miséria são ilusões criadas pela desigualdade.

Viva a arte!



Aprendemos com a convivência junto aos mais velhos do Grande Sertão a olhar o quintal de suas casas enquanto extensão do Cerrado. Com eles, trazemos para outro patamar a ideia de *reserva*, apreendida por nós como espaço de riqueza natural cuidada a partir dos laços de *reciprocidade* e *afeto*.





Desta forma, quando voltamos a atenção para um quintal sertanejo, vemos as sutilezas dentro do diverso e no cuidado com o terreiro, as ervas ali presentes, a casa do forno, a horta, até que se chega no Gerais.

Para além do que se produz, escolhemos reconhecer a sabedoria universal contida em cada quintal e no encontro entre eles. Assim nascem os microprojetos da Lei Aldir Blanc MG 2021, uma parceria com a Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, Rede Mineira de Pontos de Cultura e Manzuá com intuito de circular cura, renda e promover ações de incentivo à transmissão dos conhecimentos tradicionais na região do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu.

Além de reconhecer iniciativas de cultura popular, cultura alimentar, mídia digital, livro e leitura, memória e gestão cultural, a estratégia dos *quintais* deu movimento ao experimento desejado: chegar aos territórios rurais e fortalecer o que já é fonte e meio da ação Cultura Viva. A partir desse movimento, nascem os *quintais festivos, musicais, literários, de barro e floridos*, promovendo um espaço de cura e saúde coletiva através das artes em tempos pandêmicos. Ao total, são 18 ações territoriais, atingindo diretamente mais de 100 famílias e impactando indiretamente cerca de mil pessoas.

Como registro, apresentamos aqui um mergulho nos bordados da Serra das Araras e Ribeirão de Areia, entre linhas e suas histórias, o poder da roda e da troca. O amassar o biscoito na cozinha de Vani, a procura pela veia do barro no chão da Olaria revelaram segredos de outros tempos.

Assim como a *reserva* em tempos de distanciamento social serve chás, remédio e flor, foi na troca das mudas, do dar e receber em abundância, que escolhemos assumir o compromisso social de encontrar beleza onde não se avistava mais alegria do encontro.

Tudo isso sendo transmitido na rádio comunitária e comunicado pelos quintais literários e rodas de leitura da Manzuá, incentivando o encontro entre os seus, respeitando todos os protocolos de segurança da pandemia, tendo o coração como bússola.

Que essa leitura possa chegar com o mesmo encanto com que fomos recebidas nesses quintais.

E que tão breve os caminhos do Grande Sertão possam ser abertos em segurança, com todos os seus moradores e moradoras vacinados, recebendo as boas novas daqueles que os lêem com olhos do maravilhamento.





## *Desabrochar*

### *Quintal é encontro*

Várias mulheres reunidas com um só propósito: ouvir as mulheres do Cerrado em seus quintais. Sonhamos em registrá-las em seus espaços de trabalho, já que a casa, desde antes da pandemia, é lugar de ofício para todas nós. Seja nos afazeres do lar, no cuidado da família ou na ocupação que gera renda, a mulher aprendeu, já faz tempo, a partilhar com disciplina e amor o espaço da família, do descanso e do lazer com as atividades de trabalho. Um desafio diário de reajustes que, nesses novos tempos, seguimos aprendendo (e ensinando).

Reunimos mulheres para ouvir outras tantas. Todo o projeto Quintais Cerrado foi feito por mãos femininas: mãos que bordam, sovam, modelam, plantam, escrevem, desenham, mas, sobretudo, mãos que fazem surgir beleza. O processo de feitura dos quintais se deu no instinto, esse saber que sente as coisas e vai ditando os rumos. Dos primeiros passos no quintal de Dona Lili, para descobrir os segredos de suas plantas, veio a escuta sensível da sabedoria que algumas palavras escondem. Dali, ao cruzar o rio Urucuia para ouvir as mãos que falam na terra, redescobrimos o olhar e viver o simples que o sertão nos ensina.

Margeando os *quintais cerrado* encontramos histórias de mulheres que se reuniam e percebemos que era necessário reconhecer suas importâncias. O bordado é um trabalho complexo, emaranhado de miudezas e artimanhas. Do mesmo modo a olaria, trabalho duro que envolve técnica e maestria com a forma. Artesanatos que geram renda, produzem sentidos de identidade e cultura.

O cultivo das plantas é o ofício que estende a diversidade do cerrado até dentro de casa, que traz a medicina das plantas para mais perto da gente. A feitura do biscoito é o trabalho dos braços de mulher que nutre o povo, as feiras e as escolas.

Partilhar saberes é compromisso dos mais sagrados em todos estes quintais. Encontro de gerações, de homens e mulheres, de comunidades inteiras que festejam a vida. Para a mulher sertaneja o tempo chega de outro jeito. É sentido mais depressa, deixa marcas mais profundas. Talvez por isso, essas mulheres nos ensinem a pisar no chão e respirar fundo.

Os quintais nos convidaram a assentar no tempo de agora, a olhar nossas casas como lugar de valor, de infinitas possibilidades e encontros. Encontro com nossos talentos, nosso trabalho, nossas origens, nossa família, com o outro e com nós mesmas, para nos abrir, desabrochar e florescer em nossos *quintais*, de dentro e de fora.



# Quintal bordado





## *Bordar é alívio na alma*

De manhã cedinho, a chuva fina esticava o sono. Riobaldo vai passear de barco mais Diadorim. Na Serra das Araras, Rose bordou no pano um arco-íris. *“É porque Riobaldo tava imaginando bem assim: Ah, se Diadorim passar debaixo do arco-íris e virar mulher...”*

Na roda de bordadeiras daquela manhã, o risco de bordado que Rose criou é uma cena de Grande Sertão: Veredas, onde uma Diadorim branca e um Riobaldo negro passeiam de barco sob o arco-íris enquanto as mulheres bordam.

*“O bordado representa muita coisa na vida da gente. Você esquece dos problemas, parece até que é saúde pra mente da gente. Eu gosto muito do meu serviço aqui. Ah, eu sinto é muito amor e carinho pelos meus bordados”*, explica Dona Ana para as meninas na roda.

Na parede, o painel bordado anuncia: o bordado é um encontro de pessoas, é um alinhavo de ideias e sentimentos. Cada risco a ser bordado pelas mulheres tem nome de sentimento: Marlene pegou amor, Gilda pegou alegria, Cida escolheu união e Sueli, gratidão. Quem faz os riscos é Rose, a mestra bordadeira da Serra. A maioria das mulheres aprendeu com ela o ofício. *“Eu entendo que cada vez que a gente borda a gente coloca sentimento no bordado né, igual Cida fala: você vai esquecendo as tribulações do dia a dia e você vai colocando seus sentimentos no pano. Igual crochê, cada agulhada que a gente dá é uma raiva que vai embora.”*

Compartilhando agulha, linhas, riscos e modos de fazer, as mulheres reunidas vão começando mais uma roda de bordado livre. A chuva cai mais forte, faz até um friozinho. Vem o café para adoçar a

prosa. A conversa vai dando ponto no ritmo das linhas e a passarinhada invade o quintal fazendo arruaça.

A casa não é de Maria, de Sueli nem de Marli. É casa de cultura e acolhe todas. Foi naquele quintal, da casa com nome de homem, que a mulherada da Serra se reuniu há alguns anos para aprender ou reaprender o ofício do bordado. *“Aí apareceu essa pandemia, nós tivemos que afastar uma da outra”*, lamenta Dona Ana.

Os riscos vão ganhando cor e forma no pano, enquanto lembram das avós, das músicas, de suas próprias histórias. *“Eu já passei muita luta nesse mundo de Deus, aí hoje eu procuro fazer tudo que eu faço com muito carinho, com muita atenção. Eu amo bordar, de coração. Eu trato as linhas como se fosse um filho, você tem que dar atenção a cada flor, cada folha, cada detalhe do desenho”*, explica Cida.

Uma a uma, vão contando o que o bordado representa. Distração pra cabeça, alívio na alma, uma vida toda. Para Cida, mulher de bordados extensos, os pontos vão além: *“O bordado representa*

*pra mim o amor da mãe que eu nunca tive. Eu procuro dar o que eu não tive pros meus filhos e pro meu bordado. Os traços representam esse afeto, esse zelo.”*

Tudo isso cabe no bordado. “É que quando a gente borda - explica Rose - a gente expressa o que tá dentro do coração, os sentimentos, e aí a gente borda tudo, os medos, os desejos secretos, tudo isso a gente vai colocando no pano”. Da gente pro pano, do pano pra mente, segue o alinhavo direto ao coração.





## Mulheres e linhas de Areias

É com água do riacho correndo ao fundo que mais uma roda de bordados se junta de manhãzinha no Ribeirão de Areias. “Chega, Dona Lia, pra bater uma prosa com nós”, convida uma delas. É na casa de Lady o encontro. E é ela mesmo quem explica o motivo de mestras e aprendizes estarem reunidas ali no seu quintal: “Eu faço muita coisa, mas uma coisa que é minha mesmo, que é da minha casa, é o bordado... A gente vive de trocas. O carinho é uma troca, o afeto é uma troca, a conversa é uma troca, porque quando a gente conversa com o outro nos faz bem.”

Enquanto as mulheres bordam, Luizim, marido da dona da casa, cozinha. “Vamo comer comida de macho hoje”. Um violão vai sendo afinado, enquanto bastidor, linha e risco são distribuídos. Tayná, 14 anos, é a bordadeira mais nova da roda. Dona Zica

é a aprendiz mais velha, 58. Ela está aprendendo a bordar só agora, com Rose, mestra de Serra das Araras, que de vez em quando vem à associação do Ribeirão ensinar.

Dona Zelita aprendeu a bordar com Dona Toninha, sua mãe. *“Crochê, fuxico, essas outras coisas eu aprendi comigo mesmo, mas bordar e costurar eu aprendi foi com mãe. Ela bordava rezando, até hoje ela lembra, tem muitas rezas na cabeça. Ela sempre cantava o Sonho de Nossa Senhora, começa assim: Quem quiser ouvir o sonho, da virgem da Conceição, sobe o alto de Oliveira onde está a Santa Cruz...”*

Dona Maria também aprendeu com a mãe e a avó. *“Minha mãe era bordadeira, ela fazia tudo, todo tipo de bordado. Eu to bordando aqui uma florzinha. Eu gosto de bordar flor, fazer ponto de cruz, eu sei fazer também um pouquinho de crochê. Eu tento ensinar também pras minhas filhas, eu tenho cinco, e cada uma sabe fazer um pouquinho.”* Já Dona Lia está resgatando o bordado. Gosta de fazer ponto atrás e ponto cheio e acha bom demais voltar a aprender.

Enquanto cruzam as linhas, prosa e bordado vão

ganhando forma. As flores, buritis e frases começam a despontar coloridas nos bastidores. Lady tira as ideias de risco da internet, do livro Grande Sertão: Veredas e outras ela mesma cria: *“Esse aqui eu fiz o Buriti como o oráculo do sertão”*. *“Ta parecendo o Santíssimo esse buriti, comadre.”*

Dona Lita aprendeu a bordar com as tias. Sentava ao redor delas e aprendeu só de olhar. *“Hoje eu faço ponto cruz, ponto cheio, ponto de matiz, ponto de corrente, ponto atrás, ponto caseado, vagonite, crochê também. E gosto, eu sou apaixonada. Falou bordado, crochê, é comigo mesmo. Seja onde for, eu largo tudo e vou mesmo, porque eu gosto. É uma terapia pra gente. Se todas as mulheres pensassem o que faz bem pra saúde da gente, um bordado, um crochê...”*

Escorre o tempo e as memórias jorram. As romarias, o jogo de bola debaixo do pau, o forró na casa de Dona Toninha, a farofa de piaba pra fazer merenda. As lembranças boas de infância e juventude vão se alinhavando no bordado. *“Ê, tempo bom, não volta mais, né cumade?”*. O encontro no quintal é o ponto estreito dos afetos que se bordam nos Gerais.



# Quintal florido





## No vento das primeiras águas

É cheiro de flor que se espalha dos quintais-reservas

“*Essa é minha reserva*”, é assim que Dona Lili apresenta seu quintal para Dona Vera. Elas são mulheres de flores. Sertanejas que conservam em seus quintais a riqueza natural do cerrado. Das flores às ervas medicinais, Dona Lili e Vera representam as muitas mulheres que guardam a sabedoria do plantar, cultivar e usar as plantas para curar corpo e alma.

Logo cedo, Dona Vera visita o quintal de Dona Lili levando uma muda de barba de Noé para ofertar. Toda feliz, Dona Lili vai apresentando cada uma de suas plantas, como se apresentasse um membro querido da família, alguém que conhece muito bem. “*Minhas plantas são a família que eu tenho de perto. Quem me ajuda a viver é a minha reserva.*”

Tem folha santa, que é boa pra infecção. Tem quebra-pedra e folha de abacate, que são tiro e queda para os rins. E não tem alergia na pele que não sare com perpetinha fervida.

Planta é remédio. Que nem mamona, quando você come uma comida que faz mal você pega a florzinha dela, uma colher de pó de café e erva cidreira, cozinha e bebe. Resolve na hora.

Da palma, que é boa para esporão no pé, Dona Vera dá a receita: *“Põe o seu pé em cima, corta no formato do pé, tipo uma sandália, e pendura a folha. Diz que a dor sai tudo.”* No desafio dos saberes, Lili acrescenta: *“Que eu conheço, você escreve seu nome, sua data de nascimento na sandália de palma e joga no mato. É uma simpatia, mas hoje é poucos que tem fé.”*

Tem cana caiana, que é remédio pra mulher grávida que levou susto. Tem a planta para anestesia dos dentes, agrião do reino. Tem confreio, que cura inflamação na pele; araruta, boa pra ouvido; e o santo remédio, açafraão. Zabumba, boa pra fazer inalação da flor e curar falta de ar. Para espantar o olho ruim é bom plantar São Salvador nos 3

cantos da casa. Tem boldo chinês, mastruz, trançagem, tudo cultivado para servir. Qualquer um que precisar é só ir lá pedir.

Planta também é beleza. Tem pé de pato, que também se conhece por cupião. Tem brinco de princesa, que o povo trata por Josefina. Tem até planta que chama Dinheiro em penca, que há quem chame de cabelo ruim, mas não é boa nem pro bolso, nem pro cabelo, e sim pra alergia. Alfazema também é conhecida como Jurema. Seja a casca ou a folha, é boa pra pressão alta e para tomar banho de cheiro: *“Quando dá aquele ventão das primeiras águas, que o vento roda, mas ela dá um cheiro de alcanfor, merirmã”*.

Lá no quintal de Vera, elas caminham pelo terreiro, reconhecendo a riqueza que a terra, quando bem cuidada, pode ofertar. Misturando afetos e saberes, duas mulheres sertanejas cantam e jogam versos debaixo do pé de baru. No quintal há música, medicina, sabedoria ancestral. Há também um sentido de partilha, de que o quintal não é só de uma, é para todos. Quintal e versos são benzimento para quem visita.



# Quintal de barro





## *Nas veias do Cerrado*

Lá pras bandas do Peruaçu, onde as comunidades tradicionais vivem há mais de um século, fomos ouvir as histórias de mulheres que lidam com a terra. Donas de um saber ancestral, elas sabem encontrar a veia de terra boa e transformar, como a si mesmas, o barro macio em beleza firme.

De primeira, mulheres e peças de barro saíam nos cargueiros pelas estradas de chão. Pote, prato e moringa era o que se vendia. Vez ou outra, quando tinha um casamento, recebiam encomendas de panelas. No lombo dos jumentos, aguentavam um dia inteiro de viagem, às vezes até mais de um, pernoitando pelas estradas. Vendiam a troco seu trabalho: a peça de barro por alimento ou mercadoria.

*“Agora as coisas tudo mudou, foi tendo asfalto, o pessoal já foi comprando por dinheiro. Antes nós tínhamos que sair pra vender, agora o povo vem até nós. Hoje o que mais vende é joguinho de bule, jogo de fruteira, vaso de planta, tudo coisa diferente que antes não fazia”,* conta Dona Maria do Socorro, 53 anos, uma das frenteadas das Oleiras do Candéal, em Cônego Marinho.

Aqui na Olaria as mulheres partilham entre si o conhecimento da arte com o barro e trabalham juntas no galpão. *“Antes do galpão, no tempo de seca, nós queimava a peça no tempo, e nos tempos de chuva nós ia pra roça plantar. Hoje, graças a Deus, ninguém queima mais no tempo. Para fazer as peças, nós fazemos na sombra.”*

Junto com Dona Socorro, Nilda Farias é uma das primeiras a chegar no galpão. São elas que organizam o espaço, fazem a gestão financeira e quando não acham homens para ajudar, juntam a mulherada para arrancar o barro, pegar lenha e fazer a queima no forno. Todas as etapas de preparo do barro são trabalho pesado: pisar, peneirar, amassar, cortar, secar, mas é nas etapas mais delicadas que as mãos fortes de mulher se enternecem, moldando formas e desenhando miudezas.

*“O artesanato é a história do local, representa a história da comunidade. É o símbolo das mulheres; onde as pessoas vêem as peças, sabe que é do Candeal. Cada um pinta do seu jeito, tudo tradicional, acho que já vem na mente. Mas o antigo mesmo é o caracol, é um desenho que a gente faz aqui. Pinta com o tauá, uma tinta de argila que a gente arranca também, retirado na natureza. A gente pinta usando pedacinho de cana. Tudo é da natureza. Já vem da tradição mesmo, passando de geração em geração”, explica Dona Nilda.*

As veias da terra se abrem para as mulheres do Candeal. E elas dão de volta tudo o que recebem, partilhando o saber que faz da terra fonte de renda, de cultura e de história: *“Pra mim é um grande amor, é meu prazer começar a modelar aquela peça. A gente sente uma grande alegria saber que aquilo é de tantos e tantos anos. O importante pra nós é manter a tradição. A gente fica feliz de ver pessoas novas entrando, com interesse, com boa vontade de aprender. Eu tenho medo de que um dia isso possa acabar, porque era pra ter mais mulheres envolvidas. Mas todas as pessoas que quiserem aprender a gente quer ensinar.”*



# Quintal festivo





*“Biscoito quente  
tem o seu lugar”*

Vani é fazedeira de biscoito. O povo fala que o nome bonito, mais chique, é cozinheira ou empreendedora. Mas Vani prefere fazedeira de biscoito mesmo, porque assim ela evidencia as duas coisas mais importantes desse trabalho: o ofício do fazer, amassar, enrolar e assar; e o resultado de tudo isso: biscoito bom e gostoso, com sabor de infância, lembrança de mãe e cheiro de cozinha do sertão.

Vani é fazedeira de biscoito do PNAE, o Programa Nacional de Alimentação Escolar. Isso quer dizer que é o biscoito que ela faz que vai para as escolas e creches da região. Mas para ser as mãos e braços que alimentam as crianças, Vani precisou adequar sua cozinha às normas da Vigilância Sanitária.

Junto com o marido, construiu de pouquinho um cômodo só pra fazer biscoito. Forro, tela, bancada de mármore, e o quartinho vai ganhando vez de cozinha industrial de Ribeirão de Areias.

*“Aprendi fazer biscoito com minha mãe, nunca fiz nenhum curso de biscoito nem nada. É de geração pra geração que sei fazer um pão de queijo, sei fazer um quebrador, sei fazer a peta e biscoito de doce que eu entrego nas escolas”*

De manhã cedo, as mulheres se reuniram no quintal de Vani para ensinar as receitas dos biscoitos e bolos das festas de Reis: massa de mandioca, quebrador, mané pelado, peta e pão de queijo. Um patrimônio da cultura alimentar que as fazendeiras preservam, aprimoram e partilham sem apego.

Para fazer pão de queijo, misturam dois pratos de polvilho, dois de queijo curado e um segredo: farinha bem cessada para *fazer vez de fermento*. Uma pitada de sal, pouco óleo, leite e oito ovos batidos com limão, para tirar o cheiro forte. Como a bateadeira comum não aguenta o volume de massa feita, o Bastião, marido de Vani, juntamente com seu

Filho, inventaram uma batedeira a partir de uma furadeira. Invenção que ajuda e muito a produção. Mas no pão de queijo, é no braço mesmo que a massa vai ficando leve, *larga de pregar da bacia e chega no ponto pra descansar.*

Tudo na cozinha tem um segredo. Quando Dona Terezinha ensina as mulheres a fazer bolo de massa de mandioca, vai entregando pouco a pouco os seus. Dois quilos de massa de mandioca, duas medidas de côco, açúcar, leite e queijo. Dessa vez vão cinco ovos, porque nem todos são caipira. A medida da receita é o olho e a experiência. O bolo de massa de mandioca não leva fermento, nem farinha. *“Eu faço ele é natural.”* Dona Terezinha aprendeu com a mãe a receita que agora ensina às companheiras.

*“Antigamente só fazia esse bolo de croeira, não tinha pão de queijo. E não tinha forma, era araticum ou palha de banana. Cada folha era um pão no tamanho da folha. Aquelas latinhas de sardinha, manteiga, goiabada nenhuma ia pro mato, lavava tudo, consertava aquelas berinha pra não cortar o dedo, ô mais saía uns bolinhos bonitinhos naquelas latinhas.*

*Também o bolo era só uma bocada.*” Conversa vai, lembrança vem, e a receita do bolo de mandioca rende 3 formas, das modernas.

Depois de um dia inteirinho amassando e enrolando biscoito, logo a chuva vai chegando e Dona Pretinha se apressa: *“Pressa Terezinha, não perde hora não, anda ligeiro pra nós ir embora. A chuva já tá trovejando e a vereda tá enchendo”*. *“Mas é que todo biscoito demora, Dona Pretinha, e a gente tem que respeitar o tempo deles.”* Na cozinha e na vida, nos ensinam estas mulheres, é preciso respeitar o tempo de cada coisa.



## **QUINTAIS CERRADO**

Copyright © 2021- Instituto Rosa e Sertão

Todos os direitos reservados.

### **EDITORIAL**

**Edição:** Sajni Damiana

**Textos e revisão:** Raíra Saloméa

**Projeto gráfico e diagramação:** Sylvia Vartuli

**Grafismos:** Emília e Odília

**Fotografias:** Lucas Emanuel, Diana Campos, Ladjane Macedo

**Registro e produção:** Diana Campos e Daiana Campos

**Dona dos quintais:** Ladjane Macedo, Roseclay Araújo,  
Vani, Dona Lili, Dona Vera.



Realização:



Apoio:



Projeto do Ponto de Cultura Seu Duchim

Aprovado no Edital 02/2020

Microjetos LAB MG